

IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO TRABALHO DOCENTE, DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MUNICIPAL DE POJUCA, BAHIA

*IMPLICATIONS OF SCHOOL VIOLENCE IN THE TEACHING WORK OF
FUNDAMENTAL EDUCATION OF THE MUNICIPAL COLLEGE OF POJUCA,
BAHIA*

Maria José da Silva Grillo¹, Daniela Ruiz Díaz Morales²

Resumo: Este estudo demarcou como objetivo analisar as ações de violência escolar que ocorrem nos ciclos finais do ensino fundamental entre alunos e professores e os respectivos efeitos no trabalho docente no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, do município de Pojuca, Bahia. O método foi pesquisa não experimental descritiva com corte transversal e abordagem qualitativa, tendo como técnica de coleta de dados entrevista aberta com apoio de questionário aberto junto à amostra não probabilística intencional de alunos e professores do 6º e 7º anos do ensino fundamental, e análise documental como subsídio analítico. A pesquisa apontou que alunos e professores têm conhecimento da realidade em sala de aula e da escola quanto à violência, tanto verbal como física, sendo as mais recorrentes xingamentos, intimidações, ameaças, insultos, ofensas morais e humilhação, e físicas (brigas corpo a corpo ou com instrumentos), empurrões e pontapés e correlatos, promovendo abalos às relações interpessoais com efeitos danosos ao trabalho docente, já que tais ações desviam os planos, o desenvolvimento e o foco de aula, além de gerar problemas psicossomáticos ao professor, em razão de doenças, baixa autoestima e, não raras vezes, por afastamento das atividades, efeitos também associados ao aluno.

Palavras chave: Alunos e professores, Trabalho docente, Violência escolar.

¹Maestría en Ciencias de la Educación - Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación - Universidad Autónoma de Asunción E-mail: mjgrillos@hotmail.com

²Orientadora: Prof. Dra. Daniela Ruiz Díaz Morales –Universidad Autónoma de Asunción, Paraguay Email: danielaruizdiaz60@gmail.com

Abstract: *This study marked the objective of analyzing the actions of school violence that occur in the final cycles of elementary education between students and teachers and the respective effects on teaching work at Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, in the municipality of Pojuca, Bahia. The method was descriptive non-experimental research with a cross-sectional and qualitative approach, using the technique of data collection as an open interview with the support of an open questionnaire with the . intentional non-probabilistic sample of students and teachers from the 6th and 7th years of elementary school, and documentary analysis as an analytical subsidy. The research showed that students and teachers are aware of the reality in the classroom and the school regarding violence, both verbal and physical, with the most recurring insults, intimidations, threats, insults, moral offenses and humiliation, and physical (fights body to face). body or with instruments), shoves and kicks and correlates, promoting damage to interpersonal relationships with harmful effects on the teaching work, since such actions deviate the plans, development and focus of the class, in addition to generating psychosomatic problems for the teacher, due illness, low self-esteem and, often, due to withdrawal from activities, effects also associated with the student.*

KEYWORDS: *Students and teachers, Teaching work, School violence.*

INTRODUÇÃO

A violência escolar, em suas modalidades corriqueiras, constitui o principal eixo analítico constantes da literatura (Mattos; Coelho, 2011; Salles; Fonseca; Adam, 2016; Brito, 2017), por isso irá compor o esboço teórico do tema em questão, considerando-se causas e efeitos no ambiente escolar, dada à variedade de conceitos. Como explicam Salles et al (2016), não se pode conceber um sentido específico ou único para violência escolar, pois os tipos comportamentais se diferem nas formas e nas instâncias de relações sociais. Trata-se, então, de abordagens fundamentais para compreensão do fenômeno da violência na escola, mas pouco exploradas nos estudos do gênero.

apirus.

Nesse estudo são abordados pressupostos científicos acerca da categoria central do objeto da pesquisa: o fenômeno da violência. Em primeiro momento, cabem aportes descritivos, conceituais e analíticos acerca da perspectiva nocional de violência e aspectos etiológicos pertinentes, da espécie correlata da violência escolar e as respectivas variáveis individuais, sociais e culturais influentes nas relações interpessoais na vivência escolar e na atividade docente no contexto do ensino fundamental, uma das categorias analíticas do objeto investigativo em pauta.

Trata-se de embasamento teórico que introduz o objeto da pesquisa previamente à investigação empírica junto a alunos e professores dos 6º e 7º ciclos do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Pojuca, Bahia. É a forma de antecipar informações e conceitos para sustentação teórica no processo analítico da questão proposta e do objeto da pesquisa, já que abordagens de recortes temáticos demandam-nos inserir no todo do assunto.

Assim posto, alguns questionamentos foram considerados: Que fatores podem implicar em posturas violentas de alunos no ambiente escolar? Quais as ações de teor violento apresentados por alunos agressivos na escola? O trabalho docente resente os efeitos de um ambiente escolar com posturas violentas de alunos, ou mesmo entre alunos e professores? Com o objetivo de responder às indagações apresentadas, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais os aspectos geradores de violência escolar e os respectivos efeitos no trabalho docente, na perspectiva de alunos e professores em escola do ensino fundamental no município de Pojuca, Bahia, Brasil?

Para responder à essa questão problema formulou-se o seguinte objeto geral: Analisar as ações de violência escolar que ocorrem nos ciclos finais do ensino fundamental entre alunos e professores e os respectivos efeitos no trabalho docente na Escola Municipal Presidente Castelo Branco, do município de Pojuca, Bahia, e para atender a este objetivo, foram demarcadas como etapas de pesquisa: listar as manifestações violentas de alunos no ambiente escolar, durante a interação da aula, descrever os efeitos de atos violentos no trabalho docente, no contexto do ensino fundamental, descrever as ações docentes frente a situações violentas nas aulas e

propor alternativas ao modelo de relações interpessoais na dinâmica social da Escola, principalmente entre alunos e entre alunos e professores.

O formato da pesquisa articulou os aspectos teórico e empírico, este com dados qualitativos provenientes de entrevista com alunos e professores do 6º e 7º anos. O segmento teórico foi organizado a partir de abordagens em obras de apoio nas formas eletrônica e impressa, como livros, artigos científicos, dissertações e teses identificados em sites de buscas de revistas, bancos de trabalhos acadêmicos e bibliotecas e alguns documentos de alcance internacional.

Para a realização do trabalho de campo, o método foi composto por pesquisa não experimental descritiva com corte transversal e abordagem qualitativa com suporte das técnicas de entrevista aberta para coleta de dados por meio de questionário aberto e de tratamento de dados por análise de conteúdo dos relatos e experiências dos sujeitos em forma de resposta (Minayo, 2013; Campoy Aranda, 2018). Como subsídio técnico e analítico, consulta documental da gestão escolar com enfoque em princípios e estratégias combativas no cerne de quadros de violência escolar (Hernández Sampieri, R., Fernández-Collado, C. F., Lucio, 2010; Bardin, 2011).

Em que pesem a complexidade e os múltiplos fios de abordagem do problema, esta pesquisa intenciona contribuir com abordagens esclarecedoras, no âmbito social, acadêmico, profissional e escolar, de modo a instigar reflexões acerca da violência escolar e dos efeitos danosos às inter-relações de aluno e professor e ao trabalho docente. Ademais, fica a expectativa de novas pesquisas nesse campo temático com foco em propostas alternativas ao problema.

Referencial Teórico

O fenômeno da violência figura como elemento atemporal e constitutivo das formações sociais. Em que pese a constatação de que atos violentos permearam as relações humanas e o esforço civilizatório para amainar instintos e embates hostis, mantêm-se vivas nos diferentes contextos de convivência impulsões agressivas, objetivadas em violência, nos segmentos de interação social. Há o pressuposto, então, de uma inclinação humana a estados emocionais e impulsivos, expressos em conflitos

violentos, quer físicos ou psíquicos.

Assim posto, pode-se inferir que os atos violentos, nas múltiplas formas, expressas nos segmentos de convivência, representam a materialização do instinto agressivo, o que traduz a violência como fenômeno social. Nas palavras de Silva (2016,p. 23), “A multiplicidade de determinantes e sua dinâmica de inter-relações configuram as violências como um problema que precisa ser compreendido em seu contexto social, cultural e histórico”. E esse tem sido um dos principais enfoques da agenda global na contemporaneidade, frente à exacerbação da violência, nas mais diferentes formas e instâncias do convívio humano e, expressivamente, nas instâncias educacionais.

No circuito educacional, questões referidas a posturas de alunos consideradas violentas têm constituído uma das principais pautas da agenda pedagógica com apoio de ampla literatura sobre o assunto, contudo sem evidências de planos analíticos ou intervenções resolutivas que interfiram nesse problema reinante na escola.

No Brasil, eventos do gênero são recorrentes no ensino básico, porém com frequência no ensino fundamental, portfólio de ciclos escolares que comportam crianças e pré-adolescentes em processo de desenvolvimento integral, portanto muito sensíveis a danos à formação individual e escolar (Azzi; Lima; Corrêa, 2015), por isso a hipótese de abordagens expressivas sobre o assunto nos ciclos escolares de nível fundamental.

Normalmente, o tema da violência escolar enfatiza as inter-relações dos principais agentes educacionais, alunos e professores. No entanto, a questão não figura apenas em forma de ações hostis, mas vista como decorrência da estrutura biopsíquica do humano, em forma de agressividade, com desfecho no ato violento (Gonçalves; Martines, 2014), canalizada para as relações sociais e, conseqüentemente, para as escolares, com impacto no trabalho docente. As discussões temáticas se deslocam em várias frentes, embora as mais consideradas envolvam escola e família e, sobretudo, alunos e professores na questão.

Há constatações de frequentes posturas violentas de alunos ou grupos de alunos entre si ou com professores, que desencadeiam efeitos de variadas formas como indisciplina, ofensas morais, ataques físicos, bullying, vandalismo e preconceitos, registrando-se desenlaces conflituosos e hostis, tanto no interior quanto fora da escola, em demonstração evidente de intolerância e desrespeito ao outro. Isso em razão de condições e características individuais, ou estilos de vida do outro, em atentados à moral, à dignidade, e não raro, à integridade física dos contendores.

Um cenário, pois, que impacta diretamente estados físicos, emocionais e psíquicos com repercussões negativas na aprendizagem da criança e do jovem do ensino fundamental, tanto por alterações psicossomáticas quanto pela deficiência do trabalho docente. Assim considerando, que fatores externariam ações violentas de uma pessoa sobre outra, sobretudo em idades menores, como alunos do ensino fundamental? Seria a imaturidade conscienciosa, influência do meio sociocultural ou do ambiente da própria escola, revide a posturas afins, ou manifestação natural da própria condição inata de agressividade sobre influência do ambiente sociocultural?

Não menos repercutível é a questão da violência no trabalho docente. As discussões acerca dos efeitos da violência no trabalho pedagógico, em casos de professores, foram fundamentais no processo investigativo, já que indicaram o quadro dinâmico do problema nos exercícios de ensino. Constatou-se, então, que a violência escolar é um dos fatores que ressoam diretamente no desenvolvimento do trabalho docente. Como escrevem Tavares; Pietrobom (2016), “A violência escolar é assunto recorrente na mídia e está entre as maiores queixas de professores e diretores nas suas avaliações acerca dos principais problemas enfrentados atualmente pelas escolas públicas brasileiras” (p.02).

A conformação de ambientes conturbados por posturas conflituosas, perpetradas tanto por alunos entre si quanto por professores com alunos no trabalho docente é traduzida em confrontos pessoais, tensões, em redução de tempo e depreciação das aulas com impacto restritivo na qualidade da atividade docente e na aprendizagem. Trata-se de abordagem empreendida por Castro; Souza (2012) e Andrade (2015) com ênfase na posição do professor como agente mediador da

aprendizagem em contextos escolares considerados violentos. Em síntese, a pesquisa entrelaçou noções e fontes de violência, a variável da violência escolar e as prováveis interferências no trabalho docente e na qualidade do ensino.

Trata-se, pois, de problema que requer atenção constante da equipe docente e de gestão educacional e da família, a fim de evitar implicações restritivas ao trabalho docente e, em particular, nas relações interpessoais, base do processo de ensino e aprendizagem. A partir dessa problematização, justifica-se a realização desta pesquisa. Destaquem-se, ainda, como aspectos justificativos da investigação, o enfoque dado à dimensão pedagógica, com ênfase no trabalho docente, fator intrínseco à qualidade da aprendizagem; e a responsabilidade social de educadora em atualizar tema de relevância ao campo educacional, ao aluno e à sociedade, e trazer à luz um debate sobre questão de alto impacto nas inter-relações de agentes escolares, sobretudo entre alunos e professores.

Agressividade, violência, violência escolar: implicações na aprendizagem e as relações sociais no Ensino Fundamental

Sobre o comportamento agressivo e as relações sociais, Marcelos (2011, p. 1) afirma que:

[...] A agressividade é o comportamento adaptativo intenso, ou seja, o indivíduo que é vítima de violência constante tem dificuldade de se relacionar com o próximo e de estabelecer limites porque estes às vezes não foram construídos no âmbito familiar. O sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é tido como violento (Marcelos, 2011, p.1).

A partir de tais definições, agressividade e violência podem ser considerados comportamentos diferentes. Para tanto, Marcelos (2011, p.1) ainda afirma que para os estudantes, "violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas", enquanto que os professores entendem que, "a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições

materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão".

Bezerra et al (2016) discorrem sobre violência escolar como expressões agressivas e antissociais, materializadas em conflitos violentos nas relações interpessoais, nas formas danosas ao patrimônio e na tipificação criminal. Mas com o reconhecimento de que muitas variáveis do fenômeno advêm de causas externas, portanto, o aluno adentra a escola já sob influências de experiências sociais como possíveis indutoras de violência. Esquierro (2011) corrobora com a questão afirmando que “A violência nas escolas se manifesta de diversas maneiras e conhecê-las e compreendê-las são atitudes fundamentais para a busca de meios para solucioná-las” (p.22).

Assim entendido, intentou-se destacar os tipos mais comuns de violência perpetrados nas relações escolares, em sala de aula ou no entorno da escola, principalmente os dos ciclos escolares do ensino fundamental e, em especial, os delimitados nesta pesquisa, 6º e 7º anos. A expectativa foi a de delinear os conflitos violentos de maior incidência no ensino fundamental e o grau de vulnerabilidade de alunos, especificamente, nos ciclos escolares mencionados, em razão da tenra idade desse alunado, já imerso no mapa de distúrbios do ambiente escolar, tornando-se o problema da violência um dos mais sérios da esfera escolar no século XXI (Crews, 2019).

De acordo com abordagens de Esquierro (2011), Gonçalves; Martines (2014), Bezerra et al (2016) e Pacheco-Salazar (2018), enfoques maciços sobre esse tema no ensino fundamental (Pacheco-Salazar cita alunos de 6º e 7º graus) tomam dimensão pela magnitude do problema em crianças e jovens que, já no início da formação escolar e social produzem situações danosas a si e ao outro com prejuízos de ambos ao trabalho pedagógico e à aprendizagem. Esses autores convergem ainda na ideia de que a escola não tem dado a atenção necessária ou acionado intervenções resolutivas, apesar da seriedade do problema, talvez até por não ter conhecimento necessário à delimitação do problema.

Indisciplina e caracterização da violência

Segundo Silva (2003), o aluno é considerado indisciplinado quando infringe as regras da instituição escolar e ainda afirma que a violência é uma forma extrema de indisciplina e muito preocupante que a comunidade escolar enfrenta atualmente.

Charlot (1997), classifica a violência escolar em vários níveis. No primeiro estágio trata-se da violência física, sexual, crimes, roubos, destruição do patrimônio, dentre outros nesse formato. No nível 2, a violência está vinculada aos maus tratos por meio de agressão oral. E o terceiro e último nível refere-se às imposições, falta de acolhimento, relações de poder entre professores e alunos. Para os professores, compreende-se a negação, indiferença e insatisfação profissional.

Como instituição, a escola representa um dos entes estruturais capazes de gerar violência, já que ela estatui regras, condutas e concessões (ensino e aprendizagem e normas de vida) sobre diferentes percepções e interesses, portanto, passíveis de conflitos. Por essa perspectiva, então:

Conceber a escola como instituição total significa ver nela uma organização que obriga seus integrantes – alunos e profissionais – a submeter-se a um regime que lhes restringe a liberdade, seja com qual for o grau de rigidez. Ela, com isso, está obviamente a lhes negar opções próprias de vida.(Flickinger, 2018, p.8)

Considerando-se o teor da violência como efeito de múltiplas relações, a questão central do debate reside no tempo e nos fatores causais de uma postura ou reação violenta entre agentes sociais, ou o quanto se pode considerar como tais, aspectos subjetivos, sociais ou culturais na concretização da violência. Além do mais, há formas violentas pouco ou não perceptíveis, em cujo teor não incide investidas visíveis, objetivas, mas simbólica e ideologicamente atuante sobre o sujeito, em discursos forjados como reais em significados. Assim, torna-se diligente a ação de pressupor as conexões dessas variáveis na objetivação da violência (Assis; Marriel, 2010; Zizek, 2014; Santos, 2017).

É fato comum o tratamento dado a problemas de violência no patamar superficial ou visível da questão, como por exemplo, assalto, abuso e assédio sexual, sequestro e assassinato, que Minayo (2006) chama de violência criminal ou delinquencial, e Galtung (2018) os classifica como violência direta, sem aprofundamento de elementos causais, limitando-se a hipóteses estruturais da sociedade. Apesar de perpetrado pelo indivíduo, o foco recai prioritariamente em fatores externos, omitindo esse indivíduo, motor da ação violenta, gerada por impulsão interna (Pinker, 2013; Winnicott, 2015).

Dessa forma, a violência teria três caracterizações básicas, natureza, visível e invisível e interdependentes: a direta (de natureza física), a estrutural (procedente da geração de desigualdades sociais) e a cultural (de teor simbólico e ideológico).

Aspectos Metodológicos

O aspecto descritivo da pesquisa está atrelado ao conhecimento teórico do assunto em pauta para tratamento comparativo e inferencial em relação aos dados qualitativos, obtidos junto aos sujeitos a serem entrevistados (Hernández Sampieri et al, 2010; Triviños, 2011).

O corte transversal desse estudo justifica-se na identificação de dados em amostra não probabilística intencional, em que se almejam obter em momento definido percepções acerca da violência escolar no contexto do ensino fundamental em subgrupo de alunos e professores do 6º e 7º ciclos (Lakatos; Marconi, 2001; Hernández Sampieri et al, 2010). Nessa abordagem metodológica, buscam-se causas e efeitos, variáveis e relações de fatores relacionados a contingente de sujeitos, delimitados para a investigação. O que sobrepõe identificação e tratamento de dados qualitativos, na forma de pontos de vista, aspirações, desejos e percepções (Hernández Sampieri et al, 2010; Triviños, 2011).

A pesquisa teve abordagem qualitativa, apoiando-se na técnica de entrevista aberta por meio de questionário aberto como instrumento (Minayo, 2013; Campoy Aranda, 2018), aplicado a 11 alunos e 06 professores do 6º e 7º anos do ensino fundamental. A opção por abordagem qualitativa decorreu do fato de se investigar

dimensões subjetivas de um número de sujeitos que, segundo Triviños (2011) e Campoy Aranda (2018) fundamentam-se na exploração dos fenômenos estudados, observando-se as interações que ocorrem entre si e compreendendo-se os possíveis significados desses fenômenos a partir das narrativas dos entrevistados.

Com base em consulta documental na Escola, buscou-se, então, identificar registros de premissas disciplinares, método e critérios operacionais por condutas regulares e más condutas de agentes escolares, sobretudo as relativas a alunos e professores, assim como as intervenções da gestão escolar em situações de conflito. A expectativa foi comparar o conteúdo documental com as percepções de alunos e professores sobre a questão e articulá-lo no processo analítico. O processo de consulta se desenvolveu no curso do prazo de retorno dos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, sendo examinados os documentos PPP e Regimento Interno (RI) que tiveram os dados analisados no trabalho analítico do estudo.

Resultados e discussões

Este tópico apresenta as percepções de alunos e professores, identificadas nos blocos de categorias temáticas de cada grupo e sintetizadas no fim de cada discussão, esta empreendida com apoio teórico, conforme a natureza inferencial da pesquisa qualitativa (Hernández Sampieri et al, 2010; Bardin, 2011). A meta seguinte encaminha-se para uma análise comparativa entre as opiniões dos alunos e dos professores para, a partir desse cotejamento se observar o que há de comum e divergente nos 02 agrupamentos de respostas, de modo a responder os questionamentos do objeto da pesquisa.

Nos quadros a seguir, são apresentadas as 05 categorias temáticas respondidas pelos alunos e professores, finalizadas com a síntese da discussão de cada categoria, conforme antecipado na explanação metodológica.

Quadro da Síntese das percepções dos alunos.

Alunos	Categorias temáticas				
	1. Quais comportamentos você considera e já presenciou como violentos, durante as aulas ou no ambiente da escola entre alunos e entre alunos e professores?	2. Você poderia descrever como comportamentos violentos poderiam prejudicar o trabalho do professor?	3. Como professores têm reagido a situações de conflitos violentos em sala de aula?	4. Dê sua opinião sobre o que o professor deve fazer em casos de conflitos violentos em sala de aula.	5. É possível se fazer alguma coisa, em especial por parte da escola, para enfrentar a violência escolar? Descreva brevemente o que fazer.
Síntese da Categoria	Todos (100%) citaram violências verbal e física (xingamentos, ameaças, ofensas morais e brigas) entre alunos e entre alunos e professores.	Expressiva maioria (82%) respondeu desvio das aulas; prejuízos na concentração e baixa integração aos conteúdos.	Expressiva maioria (82%) considerou intervenções pontuais, pouco produtivas, à base de apelos discursivos, moral e psicologizantes.	A maioria (73%) referiu intervenções discursivas e administrativas junto à gestão escolar.	A maioria (73%) sugeriu intervenções dialógicas entre aluno, professor e demais agentes escolares.

Fonte: Autoria desta pesquisa, 2019.

Quadro da Síntese das percepções dos professores.

Professores	Categorias temáticas				
	1. Quais comportamentos você aponta como violentos e dos quais foi alvo no curso das aulas ou no ambiente da escola entre alunos e entre alunos e professores?	2. Quais os tipos de violência que você destaca e que podem ter maior implicação no trabalho docente?	3. Como professores têm reagido a situações de conflitos violentos em sala de aula?	4. Dê sua opinião sobre o que o docente deve fazer em casos de conflitos violentos em sala de aula.	5. Quais estratégias poderiam contribuir no enfrentamento da violência na escola, principalmente entre alunos e entre alunos e professores?

Síntese da Categoria	Todos (100%) citaram violência verbal (xingamentos, ameaças, insultos, contrangimentos) e física (brigas).	Todos (100%) responderam nas formas verbal e física com prejuízos às aulas e às relações interpessoais.	50% dos professores referiram posturas dialógicas e medidas administrativas. Os demais não atentaram à questão.	50% dos professores referiram posturas dialógicas; 50% consideraram o apoio da direção da escola.	50% falou em fortalecimento das relações interpessoais e mudanças comportamentais; 50% falou em ações compartilhadas, inclusive com esferas jurídicas.
----------------------	--	---	---	---	--

Fonte: Autoria desta pesquisa, 2019.

Em análise das sínteses dos 02 blocos de respostas dos alunos e professores, obtidas por meio das categorias temáticas em forma de questões, foram deduzidos os seguintes resultados, consoante à proposta do objetivo da pesquisa: Analisar as ações de violência escolar que ocorrem nos ciclos finais do ensino fundamental entre alunos e professores e os respectivos efeitos no trabalho docente no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, do município de Pojuca, Bahia.

Na categoria 01 de ambos os grupos, a resposta foi coincidente quanto ao conhecimento dos tipos violentos, tanto verbais quanto físicos: (xingamentos, ameaças, insultos, contrangimentos) e física (brigas); na categoria 02 dos grupos a expressiva maioria reafirmou os prejuízos às relações interpessoais e ao trabalho docente; na categoria 03, a maioria entre os dois grupos considerou apenas discursivos, morais e psicologizantes com reforço de medida administrativa; na categoria 04, expressiva maioria reafirmou intervenções discursivas e apoio administrativo; e na categoria 05, a maioria indicou as estratégias combativas a ações violentas por meio de diálogo, mas de modo compartilhado entre os escolares, inclusive com esferas jurídicas.

Considerando-se, então, uma resposta possível à questão e ao objetivo da pesquisa, pode-se inferir que, alunos e professores do ensino fundamental, do 6º e 7º ano, têm ciência de embates ou ações violentas no contexto da sala de aula e da escola, nas formas verbais (xingamentos, intimidações, ameaças, insultos, ofensas morais e

humilhação) e físicas (brigas corpo a corpo ou com instrumentos, empurrões e pontapés). E que, frente a tais hostilidades o corpo docente não dispõe de meios necessários e compatíveis aos impactos emocionais e físicos decorrentes de tais ações.

O que tem gerado efeitos prejudiciais ao trabalho docente, pelos fatos em si, no curso das aulas, e por problemas psicossomáticos ao professor, em razão de doenças, baixa autoestima e, não raras vezes, por afastamento das atividades. Portanto, implicações danosas, em dimensão dupla, ao trabalho docente e, por certo, à qualidade da aprendizagem.

Tratando-se da análise documental, Tratou-se de tais dados como elementos contribuintes nas articulações analíticas dos eixos teórico e empírico, observando-se possíveis distorções, assimetrias ou sentido negligente de algum desses fatores na construção de relações conflituosas no ambiente escolar, ou ausência de atuação, conforme esses princípios, metas, finalidades e disposições de direitos humanos. Assim feito, reportou-se aos dados das entrevistas com alunos e professores para efeito comparativo, analítico e inferencial de suas percepções sobre violência escolar e dos registros consultados.

Se confrontados os dois eixos de análise (dos dados documentais e os dois blocos de entrevistas, de alunos e professores) é possível verificar as distorções entre o que prega o acervo de princípios e valores humanos, de sustentação escolar e social. As percepções de ambos os grupos inquiridos deixaram evidências do distanciamento entre as perspectivas previstas e as dificuldades em lidar com o problema da violência na escola. Também não se viu compatibilidade entre ações propostas nos documentos e as que os entrevistados relataram.

Por exemplo, apoio psicológico (o Colégio dispõe de setor específico); comunhão de esforços entre família, comunidade e escola (raras menções nas entrevistas, embora sem clareza quanto às formas de realização); programação de atividades coletivas, como seminários, palestras, ensaios artísticos, citados pelos documentos e pelos entrevistados, contudo sem indícios efetivos de ação na voz dos

entrevistados. Em fase conclusiva, então, pôde-se inferir a disparidade entre a figuração de eventos conflituosos dentro e fora da sala de aula, declaradas por alunos e professores nas entrevistas, e as bases humanas e psicológicas verificadas na consulta documental.

Conclusão

O objeto desta pesquisa teve como base analítica a relação entre as categorias institucionais violência e escola, mais especificamente, a proposta de analisar as ações de violência escolar que ocorrem nos ciclos finais do ensino fundamental entre alunos e professores, com destaque ao 6º e 7º ano, e os respectivos efeitos no trabalho docente no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, do município de Pojuca, Bahia. Esse recorte temático como enfoque do estudo consignou uma análise das relações interpessoais dos principais agentes escolares nos exercícios de ensino e aprendizagem, alunos e professores.

Constatam-se no cotidiano escolar frequentes ações violentas de alunos ou grupos de alunos entre si ou com professores, culminando em efeitos de variadas formas, como indisciplina, ofensas morais, ataques físicos e verbais, bullying, vandalismo e preconceitos, registrando-se desenlaces conflituosos e hostis, tanto no interior quanto fora da sala de aula e da escola, em demonstração evidente de intolerância e desrespeito ao outro; também problemas de saúde em alunos e professores, ou casos de afastamento de ambos da escola evidenciam a seriedade da questão.

A maioria dos entrevistados destacou ações interventivas na forma de diálogo em perspectiva compartilhada com os outros agentes escolares, como a família, a própria escola, a comunidade e a apoio de esferas jurídicas, já que não se pode desconsiderar a eventualidade de alguma intervenção mais intensa, passível de extrapolar a legalidade. Mas, de acordo com as abordagens teóricas, e a prática mostra isso, diálogo por diálogo, em tom de queixa, reclamação ou de conselho não atinge os objetivos de contenção das investidas ou conscientização do ofensor ou ofensores.

Assim posto, foi possível identificar por meio da pesquisa que ações violentas no âmbito escolar constituem fato. E que, em razão do seu aspecto ofensivo e danoso

à integridade moral, ética, psíquica, física, social e ao exercício docente no ensino, o problema demanda atuações mais firmes e eficazes, previamente estudadas, planejadas e efetivadas, em forma de política gestora, pedagógica e social no fluxo das relações interpessoais e da prática docente nos diferentes setores dos coletivos escolares, sobretudo no ensino fundamental, fase primária da vida escolar da criança.

Intervenções à base de ações improvisadas e pontuais, apoiadas em conversas (queixas, reclamações, exclusão social e intrigas) e administrativas (castigos, suspensões e, no ápice de crises, transferências) pouco ou quase nada será alcançado, no nível da gravidade do problema. Mesmo porque nos documentos consultados, no PPP e no RI do Colégio, em que se previam ações voltadas à gestão de conflitos, há indicativos de discussões e ações conjuntas, apoio ao aluno e ao professor, referência à cidadania e qualquer outra dificuldade que pudesse ou possa interferir no trabalho docente e nas relações interpessoais na dinâmica da Instituição. No entanto, diante do exposto por alunos e professores, casos há no Colégio, que ainda se ressentem dessas metas de ação.

Referências

- Azzi, R. G., Lima, E., Araújo, E., Corrêa, W. G. (2015). *Relações agressivas entre alunos do Ensino Médio analisadas a partir do modelo de agressão social*. *Psicol. Ensino & Form.*, Brasília, v. 6, n. 1, pp. 121-138. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v6n1/v6n1a08.pdf>.
- Assis, S. G. de., Marriel, N. de S. M. (2010). Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. In: Assis, S. G. de. et al. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ. Recuperado de: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/15275/2/impactos-violencia-escola.pdf>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed.70.
- Bezerra, L. L. de A. L., Gomes, I. L. V., Figueiredo, S. V., Uchoa, C. S. de O., Ferreira,

- M. K. M., Mota, D. D. da S. (2016). Percepções e estratégias de enfrentamento ao *bullying* na escola por alunos e professores. In: Vieira, L. J. E. de S., Moreira, D. P., Lira, S. V. G. (orgs). *Enfrentamento às violências: sujeitos, estratégias e contextos*. Fortaleza (Ceará): EdUECE.
- Câmara, F. P. (2018). *Comportamento agressivo*. International Journal of Psychiatry. Recuperado de: <https://www.polbr.med.br/2018/03/02/comportamentoagressivo/>
- Campoy A., T. J. (2018). *Metodología de la investigación científica: manual para la elaboración de tesis y trabajos de investigación*. Asunción, Paraguay: Marben.
- Esquierro, L. M. C. (2011). *Violência na escola: o sistema de proteção escolar do governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário*. Americana (SP): Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2011. Recuperado de: <https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Lilia-Maria-Cardoso-Esquierro.pdf>.
- Flickinger, H-G. (2018). *Johan Galtung e a violência escolar*. Roteiro, Joaçaba, v. 43, n. 2, p. 433-448, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v43i2.16095>.
- Galtung, J. (2018). *Violence, peace and peace research*. Revista Usp, ano 15, n.28. (Recurso eletrônico).
- Hernández Sampieri, R., Fernández-Collado, C. F., Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de la investigación*. Iztapalapa, México: McGraw-Hill.
- Lakatos, E. M., Marconi, M. A. (2001). *Metodologia do Trabalho Científico*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Marcelos, V. A. (2016) *A violência escolar*. 2011. Brasil Escola.
- Mattos, C. L. G., Coelho, M. I. M. (2011). *Violência na escola: reconstruindo e revisitando trajetórias e imagens de pesquisas produzidas por no Núcleo de*

Etnografia em Educação entre 1992 e 2007. In Mattos, C. L.G., Castro, P. A. (Ed.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande, pp. 195-219. Recuperado de: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>.

Minayo, M. C. de S. (2006). *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Recuperado de: <http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo9788575413807.pdf>.

Pacheco-Salazar, B. (2018). *Violencia escolar: la perspectiva de estudiantes y docentes*. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 20(1), 112-121. <https://doi.org/10.24320/redie.2018.20.1.1523>.

Pinker, S. (2013). *Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.

Santos, C. B. dos (2017). *Violência escolar: repercussões da violência no trabalho docente*. (Dissertação de Mestrado Profissional em Educação—Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, São Paulo, Brasil). Recuperado de http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/1747/1/cristina_braga_santos.pdf.

Silva, J. G. e. (2016). *Produção e reprodução social da violência na contemporaneidade*. In: Vieira, L. J. E. de S., Moreira, D. D. P., Lira, S. V. G. (orgs). *Enfrentamento às violências: sujeitos, estratégias e contextos*. Fortaleza: EdUECE.

Triviños, A. N. S. (2011). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Zizek, S. (2014). *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução Miguel Serra Pereira. São Paulo, Boitempo, 2014.